

**POESIAS DE FALA INSUBMISSA: RESÍDUO DO SIRVENTÊS  
MEDIEVAL NA CORDELÍSTICA DE TEMÁTICA SOCIAL DE  
ARIEVALDO VIANA**

**POEMS OF DEFLIANT SPEECH: REMNANT OF MEDIEVAL  
SIRVENTE POEM IN ARIEVALDO VIANA'S SOCIAL THEMED  
CORDEL LITERATURE**

**João Otávio Costa Martins Mota<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8894-8086>

**Elizabeth Dias Martins<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7817-6749>

Enviado em: 11/11/2024

Aceito em: 20/01/2025

Publicado em: 08/02/2025

---

**Resumo:** O presente trabalho investiga a temática social presente na cordelística de Arievaldo Viana, poeta popular cearense, que, entre outras temáticas, versou sobre questões sociais. Para tanto, lança-se mão de alguns conceitos operacionais da Teoria da Residualidade, sistematizada por Roberto Pontes, a qual propõe que tudo nos âmbitos da literatura e da cultura é residual, ou seja, tem raízes em outro período e reverberam ações e pensamentos de outra época. O *resíduo*, que se busca analisar é especificamente o de uma poesia insubmissa, poematização também estudada por Pontes, caracterizada pelo engajamento social. A insubmissão é característica do modo sirventês medieval e, pela amálgama cultural experimentada entre ibéricos e nordestinos, hibridizou-se na temática social do cordel. Ela atende às necessidades sociais contemporâneas, não podendo confundir-se com uma repetição de moldes arcaicos. Portanto, este trabalho contribui para a análise da temática social no cordel, de modo a desfazer ideias pré-concebidas a respeito desta literatura popular culturalmente tão rica e diversa.

**Palavras-chave:** Residualidade. Poesia Insubmissa. Cordel. Arievaldo Viana.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [ufcjoaootavio@alu.ufc.br](mailto:ufcjoaootavio@alu.ufc.br).

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará – UFC. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio). Pós-Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e a Universidade de Coimbra. E-mail: [bethdiasufc2@gmail.com](mailto:bethdiasufc2@gmail.com).

**Abstract:** The present work aims to investigate the social theme present in the cordel literature of Arievaldo Viana, a popular poet from Ceará, who, among other themes, addressed social issues. For this purpose, some operational concepts the Theory of Residuality, systematized by Roberto Pontes, are used, which proposes that everything in the areas of literature and culture is residual, meaning it has roots in another period and reverberates actions and thoughts of another time. The *residue* we seek to analyze specifically pertains to a defiant poetry, also studied by Pontes, characterized by social engagement. Defiance is a characteristic of the medieval sirvente poem mode and, due to the cultural amalgamation experienced between Iberians and northeasterners, it hybridized into the social theme of cordel literature. It meets contemporary social needs, and it cannot be confused with a repetition of archaic patterns. Therefore, this work contributes to the analysis of social themes in cordel literature, to dispel preconceived ideas about this culturally rich and diverse popular literature.

**Keywords:** Residuality. Defiant poetry. Cordel. Arievaldo Viana.

## Introdução

É fato que, ao longo dos séculos, a poesia, para além do caráter de fruição estética, serviu como arma política capaz de confrontar o poder estabelecido de diferentes maneiras. Já a poesia iâmbica de Arquíloco, poeta grego que foi o primeiro a cunhar o termo tirania, denunciava esse governo de um só homem, que vigorava entre os Lídios (Ferreira, 2009). No Classicismo europeu, Luís Vaz de Camões demonstra, em *Os Lusíadas*, que a temática política, no caso a expansão marítima do Império Português, pode ser matéria literária, tanto quanto qualquer outra.

No presente artigo, visa-se identificar e apresentar o *resíduo* de uma *poesia insubmissa* existente entre o modo sirventês medieval e cordéis de temática social de Arievaldo Viana. É necessário, portanto, aclarar que, para trabalhar e articular ambos os conceitos, nos embasamos nos pressupostos postulados por Roberto Pontes (2020), sistematizador da Teoria da Residualidade. Optou-se por utilizar mais detidamente um dos conceitos operacionais da teoria, qual seja, o de *resíduo*, além de articular outros três conceitos para detalhar a análise e torná-la mais coesa; são eles: *mentalidade*, *imaginário* e *hibridação cultural*. Ademais, o trabalho vale-se das considerações

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

acerca da poesia insubmissa, também trabalhada por Roberto Pontes, sendo para tanto indispensável o livro *Poesia Insubmissa Afrobrasílusa* (1999).

Inicialmente é preciso elucidar que, neste trabalho, entende-se por *residual* tudo aquilo que "foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente" (Williams, 1979, p. 125). Sendo assim, entende-se que o *resíduo* está intimamente ligado a "certas *formações mentais*" (Pontes, 2020, p. 34, grifo do autor) que passam por distintas épocas e perduram enquanto elemento presente nas expressões culturais de um povo. Sob o viés do autor no qual o trabalho se embasa, é possível caracterizar o *resíduo* como sendo uma remanescência inesgotável e que mantém o poder de criação literária e cultural.

De maneira sintética, pode-se resumir o fulcro da teoria a um axioma, segundo o qual "Na cultura e na literatura nada é original; tudo é remanescência; logo, tudo é residual" (Pontes, 2020, p. 33, grifo do autor). Tendo isso em mente, o presente trabalho propõe ser a *poesia de fala insubmissa* o *resíduo* presente na cordelística de temática social de Arievaldo Viana. Por ser este um conceito trabalhado ao longo de todo o estudo, julga-se pertinente trazê-lo já nesta Introdução. Portanto, segue-se o entendimento de Roberto Pontes que, a respeito da *poesia insubmissa*, afirma tratar-se: "de mensagem capaz de modificar comportamento coletivo, ainda que por um instante" (Pontes, 1999, p. 30). Dessa forma, fica evidente ser essa poesia mais que fruto da subjetividade criativa do autor, mais que uma simples inspiração, que a torne elitista e ensimesmada. A insubmissão, no âmbito da poesia, reveste a produção artística de "tom de luta e libertação [...] enfrentamento e livramento da opressão detetada pelo poeta e acolhimento de sua poesia pela coletividade sedenta de verdade" (Pontes, 1999, p. 30) de solidariedade e justiça. Assim, cabe ao poeta manter certa simbiose com as massas, incumbido que está de ser porta-voz das mazelas coletivas, com a singular capacidade de transformá-las em poesia.

A primeira seção teórica é dedicada à análise da sátira existente nas produções do modo poemático do sirventês medieval, visando categorizá-lo como uma poesia de *fala insubmissa* e, para tal, embasa-se nos estudos de Guillermo E. Hernández (1993). Procura-se demonstrar que a sátira medieval exerce um papel contestatório em relação ao poder estabelecido, por atacá-lo, ridicularizando-o. Com isso, não se propõe a ser especificamente a sátira, o *resíduo* do medievo presente na cordelística em análise, mas sim que a *fala insubmissa* medieval manifestou-se por meio desse teor satírico. É precisamente este *resíduo* do medievo, a *fala insubmissa*, que procuramos demonstrar haver na produção do cordelista Arievaldo Viana e que será objeto da seguinte seção.

A segunda seção teórica procura expor as características da cordelística de temática social que mantém estreita relação com o romanceiro ibérico. Procura-se demonstrar que há uma *mentalidade*, algo como uma *consciência coletiva*, que perdura por longo tempo e se manifesta em distintas épocas e grupos sociais como *imaginário*; esse *imaginário*, por sua vez, carrega consigo o que é o *resíduo*, a remanescência de uma época em outra. No presente estudo, entende-se e explora-se a *poesia de fala insubmissa* como *resíduo* legado pelo sirventês medieval à temática social na cordelística de Arievaldo Viana.

A fim de demonstrar o caráter residual da *poesia de fala insubmissa*, sirventês no cordel, recorreu-se, na terceira seção teórica, a Nascimento (2015), que traça um breve histórico da citada produção medieval e suas principais características. Baseia-se ainda em Otto Maria Carpeaux (1978), que apresenta o sirventês em seus aspectos críticos e laudatórios, demonstrando, além do *resíduo* insubmisso, mais um *resíduo*, o dos cordéis por encomenda (no qual não nos deteremos).

Finalmente, já identificado o sirventês como sendo um modo poético de *fala insubmissa*, a partir de seu componente satírico, são analisados trechos de cordéis de temática social de Arievaldo Viana, em cotejo com um poema de sirventês. Dessa forma, busca-se confrontar ambas as produções e demonstrar o caráter residual da produção de cunho social de Viana frente ao modo poético medieval, destacando o uso

do léxico e a *fala insubmissa*, que a produção do cordelista registra como *resíduo* do medievo. Objetiva-se, sobretudo, ressaltar a riqueza cultural e de temáticas abordadas pelo cordel, que não se resumem a uma visão social retrógrada, e ainda demonstrar que o folheto pode, sim, ser de poesia engajada.

### **O caráter insubmisso das cantigas satíricas do sirventês medieval**

Pouco se tem de investigações profundas e de grande fôlego voltadas para o modo poético sirventês. Sabe-se, porém, que difere das cantigas líricas de amor e de amigo em sua temática, pois estes gêneros versavam sobre distintas formas de amor elaboradas e assumidas pelo trovador que as cantava, como o amor-cortês, diretamente ligado à relação de suserania e vassalagem, que vigorou durante a Idade Média. Para Giuseppe Tavani, a divisão em gêneros pode ser considerada como uma das “características tipológicas mais imediata e concretamente identificável na poesia lírica galego-portuguesa” (2002, p. 131), o autor afirma ainda que as composições satíricas, de escárnio e maldizer, bem como as líricas, de amor e amigo, eram consideradas gêneros maiores.

De outra parte, havia os gêneros menores considerados pertencentes aos anteriormente citados, como é o caso do sirventês galego-português que, segundo Abreu (2021, p. 40), “é representado dentro das cantigas de escárnio e maldizer, que estão incorporados à modalidade de sátira, produzida pelos trovadores”. Entende-se, assim, que a natureza dessas produções era de ataque direto a personalidades de reconhecida importância social, o que se verá na composição do sirventês, analisada posteriormente.

No que tange ao caráter satírico, cabe destacar que autores dedicados ao estudo da sátira entendem-na como algo de difícil conceituação, dado seu caráter multiforme. Segundo o pensamento ao qual se alinha Hernández (1993), não é possível haver uma definição exata para algo tão complexo quanto a sátira, que pode referir-se a um tipo

específico de literatura, mas que pode igualmente manifestar-se em variados gêneros literários sob a forma de tom burlesco e que, na realidade, faz parte da própria comunicação humana. Dessa forma, é possível verificar que a multiplicidade de usos da sátira, tanto em produções literárias quanto na própria comunicação, apresenta-se também em tom de riso, de chiste, de humor ácido e de brincadeiras do cotidiano.

Ainda segundo Hernández (1993, p. 17, tradução nossa), “Na tradição ocidental a sátira está associada a uma série de figuras estereotipadas que são alvo habitual de hostilidade, humor ou indiferença”. É notório, desse modo, que a sátira, nos moldes ocidentais, está ligada ao modo depreciativo com que se trata, por exemplo, uma personalidade pública, atribuindo-lhe características que visam difamar sua figura e que, por vezes, alegoriza toda uma classe. Como bem ressalta ainda Hernández:

o ataque satírico tem por primeiro propósito ridicularizar e invalidar as interpretações e os princípios normativos de vítimas que são retratadas com desprezo. Consequentemente, o autor da sátira é frequentemente tido como um subversivo (...) que desafia a legitimidade de figuras e valores normativos muito valorizados. (Hernández, 1993, p. 21-22, tradução nossa)

Sob tal perspectiva, entende-se, neste trabalho, o elemento satírico das composições do sirventês medieval como aquilo que o caracteriza como subversivo e insubmisso. Dado que “para o *poeta insubmisso* tudo é matéria de poesia” (Pontes, 1999, p.33, grifo do autor), atitude que se contrapõe à do poeta dedicado exclusivamente à poesia enquanto fruição, pois para este “o *eu* é a Musa única, começo e fim do canto” (Pontes, 1999, p. 33, grifo do autor). Pontes afirma ainda que o *poeta insubmisso* consegue lidar, em suas produções, com a realidade objetiva e subjetiva, ou seja, sua poesia exerce também um papel socialmente combativo e engajado que vai além do caráter meramente estético e acaba tornando a poesia ensimesmada.

Destaca-se assim, que o modo do sirventês tem como característica a insurreição contra o poder estabelecido, quando da utilização do tom satírico das críticas, característica claramente expressa nas produções dessa época, como será

constatado mais adiante neste trabalho. É esse teor satírico e subversivo, de relativização das autoridades constituídas que, nesta pesquisa, entende-se como uma das características mais proeminentes do sirventês medieval e, por consequência, aquilo que faz dele uma poesia de *fala insubmissa*.

### **Breves considerações acerca do cordel como herdeiro do medievo**

A origem do cordel é, sem dúvida, assunto permeado por polêmicas e incertezas; este trabalho não tem por pretensão suprir ou pôr fim a tais irresoluções; apenas aqui se busca expor as relações existentes entre uma produção literária tipicamente nordestina e as composições medievais, com base em pesquisadores que já visitaram a temática. Sob esse enfoque, é possível afirmar, com base no que assevera o pesquisador Manuel Diégues Júnior (1986, p. 36), que “nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente esta tradição do romanceiro, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel”.

Admitindo-se tal origem e, seguindo os pressupostos da Teoria da Residualidade, é possível afirmar que, inevitavelmente, a literatura de cordel é fruto de uma *hibridação cultural*, uma vez que nasce da interação entre duas culturas: a ibérica e a nordestina. Nas palavras de Roberto Pontes: “A hibridação cultural possibilita ver que as culturas não são formações sociais isoladas [...] apresenta sempre a ideia algo resultante do cruzamento de culturas diferentes” (Pontes, 2020, p. 35). Portanto, a temática social no cordel herda para si uma *mentalidade* medieval, ou seja, algo quase imutável relacionado ao biológico e psíquico e manifesto através de um *imaginário* de determinado grupo social; *imaginário* este, que, de acordo com Silva (2019), tem menor duração e guarda *resíduo* que se constitui no passado e, no presente, forma núcleo de novo *imaginário*. Em outras palavras, é possível afirmar que a *mentalidade* presente no sirventês medieval perdura enquanto *imaginário* em dadas produções de cordel, sendo estas o fruto de um encontro, uma amálgama de, pelo menos, duas



culturas distintas; e o mencionado *imaginário* detém um cerne residual proveniente do medievo.

Sendo, pois, o cordel detentor de características do romanceiro ibérico, cabe frisar ser a linguagem de que o cordelista se vale, por vezes, muito próxima das definições referentes às cantigas satíricas, especialmente às de maldizer, definidas pela Arte de Trovar. À semelhança das cantigas de maldizer, o cordel registra produções que utilizam vocabulário chulo e “palavras que querem dizer mal e não haverá outro entendimento senão aquele que querem dizer chãmente” (Moisés, 1970, p. 28), como será possível constatar posteriormente neste artigo. Martins e Wanderley (2020, p. 276), ao trabalharem com cordel em sala de aula, demonstram que dita literatura faz jus ao teor satírico assimilado da Idade Média, “visto que o folheto apresenta sátira direcionada, dentre outras questões, às formas de dominação, à desigualdade e à sociedade hierarquizada”.

Dado o período em que se origina e, pela visão maniqueísta de mundo que a caracteriza, não é de se estranhar que a literatura de cordel tenha sido vista, ao longo do tempo, como conservadora. Sobre esse conservadorismo presente no cordel, Veríssimo de Melo (1994, p. 15) é categórico ao afirmar: “O poeta popular nordestino é conservador por excelência”.

Muito dessa concepção de mundo é devida ao contexto específico nordestino, no qual, segundo Diégues Júnior (1986), o cordel tornou-se parte intrínseca da própria região e, por isso, reflete o caráter patriarcal e messiânico em vigor no Nordeste. A despeito de ser, por vezes, considerada pela crítica como arcaica e conservadora, a literatura de cordel também apresenta um viés reivindicatório e socialmente engajado. As produções desse modo poemático retratam injustiças sociais inerentes ao sistema capitalista, como a corrupção e a desigualdade social; é possível constatar essa abordagem em autores mais recentes, como é o caso de Arievaldo Viana, cordelista estudado.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



É nesse sentido que Orígenes Lessa aponta a importância do estudo de produções que trazem tal perspectiva, quando afirma que as

criações artísticas de ordem popular, pelo imprevisto da imaginação, pela delicadeza da sensibilidade, pelo poder da observação pela força de expressão, pela intuição poética, pelo arrojo de imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresentam, estão a exigir a atenção. (Lessa, 1955, p. 62)

Dessa forma, percebe-se que a produção de cordel vai muito além de uma concepção ultrapassada de mundo ou de mero prazer formal e estético, senão que há, em dadas produções cordelísticas, a presença de uma *fala insubmissa* e politicamente engajada; característica esta que também é inerente ao sirventês, como já apontado no capítulo anterior. Ou seja, a crítica social das cantigas satíricas remanesce na temática social do cordel.

### **Voz insubmissa medieval nos cordeis de temática social de Arievaldo Viana**

Feitas as considerações acerca do teor insubmisso presente no sirventês medieval e de como esse teor permeia a literatura dessa espécie, cabe, doravante, identificar propriamente o *resíduo de poesia de fala insubmissa* na cordelística de temática social de Arievaldo Viana. Para tanto, tratar-se-á nesta seção, das correlações entre a composição medieval do sirventês e a cordelística de temática social de Arievaldo Viana. Com esse objetivo serão analisados trechos de cordeis do autor estudado, em cotejo com uma composição do sirventês.

Cássia Nascimento (2015), ao apresentar o modo sirventês de forma sucinta, desde sua origem provençal, caracteriza-o como uma produção surgida como subserviente aos senhores feudais, mas que posteriormente tornou-se de caráter crítico e insubmisso. Diz então:

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

o sirventês corresponde ao *servontois* francês, modo poético medieval praticado na região da Provença, Sul da atual França (...) Na origem, de caráter laudatório, consistia numa cantiga elaborada por um *sirven* (servo) em honra do seu senhor. Com o passar dos anos passou a ter caráter de crítica direcionada à sociedade e passou a servir ao protesto e à polêmica pessoal. (Nascimento, 2015, p. 58)

O teor laudatório de algumas das produções do sirventês pode ser comprovado a partir do que aponta Otto Maria Carpeux (1978, p. 294), que, mesmo destacando a postura de aparente sujeição às vontades de um soberano, para quem o servo compunha as canções, apresenta também, utilizando com exemplo o poeta alemão Walter von der Vogelweide, a insubmissão de composições deste em relação ao clero de então: “Walter supera os provençais no sirventês político: é um lutador sério, em favor do imperador e contra o papa e os clérigos; é até nacionalista alemão, revoltado com as exigências romanas”. Assim, o cordel surge como *resíduo* com ambas as características, ou seja, além da crítica social, rende produções feitas sob encomenda. O próprio autor estudado tem cordeis prestando homenagem a autoridades e pessoas célebres, os quais não serão objeto deste trabalho.

Esse caráter de intervenção social na poesia está presente em produções do sirventês como na cantiga de Gil Perez Conde, em cujos versos o poeta se refere a um homem de alta posição social. Segue o trecho:

D’um home sei eu de mui bom logar<sup>3</sup>  
que filha sempre, u anda e aqui,  
alg’a quem quer; e nom perde per i,  
ant’anda mui mais viçoso por en;  
pero lho nós nom teemos por bem.  
[por seer home de mui bom logar]

Eu vos direi del de que logar é:  
de mui melhor logar que infançom  
nem ca ric’home, se mui pouco nom.

---

<sup>3</sup> Esta nota explica os termos arcaicos que dificultam a compreensão do leitor contemporâneo. logar – posição social; filha – tira, rouba; u – onde; per i – dessa maneira, assim; viçoso – descontente, satisfeito; pero – embora, ainda que; infançom – infância, cavaleiro nobre; rico-homem – classe superior da nobreza; travar – criticar; tôdalos – todos; valrá – valerá.

Travam-lhi por algo que [el] filhou  
a seus amigos; e a todos pesou,  
os que sabemos de que logar é.

De melhor logar nom pode seer  
home do mundo, nom [se] for rei,  
de tôdolos lugares que lhe sei;  
por en dizem que nunca mais valrá  
home que filha sempr'e que nom dá,  
[e que valer mais nom pode seer].

Ante cuido que sempre descera  
d'honra e de bondad[e] e d'haver.  
(Conde, CBN 1531)

Este trovador traz uma grave acusação contra alguém que se encontra em alto nível social (“mui bom logar”), e menciona dois dos mais altos títulos de nobreza: o de infância e rico-homem. Henrique da Gama Barros (1945) trata dos graus de nobreza existentes em Portugal nos séculos XIII a XIV e classifica o infância em posição imediatamente inferior à de rico-homem, sendo este o mais alto grau de nobreza. O historiador afirma ainda que os infanções não possuíam funções na administração civil ou militar; já a ordem dos ricos-homens era a primeira em Portugal e eles “eram os senhores mais poderosos, porque reuniam à fidalguia do seu nascimento a autoridade e prestígio dos cargos públicos mais elevados, que se incumbiam ordinariamente aos chefes de linhagem” (Barros, 1945, p. 349-350). O autor afirma ainda que o rico-homem exercia, sobre o distrito que lhe era confiado pelo rei, “autoridade administrativa e militar” (Barros, 1945, p. 354).

A supracitada contextualização acerca dos graus de nobreza existentes na sociedade portuguesa da época faz-se necessária para a compreensão do aspecto de insurreição do poeta contra uma figura de grande poder político e que possui o vezo de roubar dos seus subalternos; além disso, diz que se satisfaz com seu mau procedimento. Chega o trovador, assim, à conclusão de que esse homem só pode ser o rei de todos e sua conduta desregrada continuará sempre, ou seja, seu proceder não condiz com o que se espera de um rei. Fica evidente, assim, a insubmissão do poeta

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

que, segundo Oliveira (2017, p. 52), “faz ferrenha crítica ao comportamento do rei, o mais alto posto secular daquela sociedade”.

De modo análogo, no presente trabalho optou-se por estudar a cordelística de temática social de Arievaldo Viana, objetivando evidenciar os traços que, segundo Roberto Pontes (1999), qualificam-na como dotada de fala insubmissa. A análise se pautará em trechos de cordeis de temática social do poeta popular em cotejo com um poema de sirventês.

Arievaldo Viana dedicou sua produção cordelística de mais de 150 folhetos a variados temas, desde os regionais, como o fenômeno do cangaço, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré, passando por biografias e adaptações de obras infanto-juvenis; também se dedicou a adaptações de clássicos brasileiros e universais. Sua atuação na área da educação obteve grande êxito, sendo ele o criador do “Projeto Acorda Cordel em Sala de Aula”, no qual o folheto é utilizado como ferramenta na alfabetização de jovens e adultos. Esse projeto foi adotado em Quixeramobim, terra natal do cordelista, dentre outros municípios. Seu trabalho também se dava por meio de oficinas e palestras sobre literatura de cordel em vários estados do país. Sua importante e notável produção cordelística lhe rendeu, em 2000, uma cadeira na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Dado o exposto e, considerando que há suficientes indícios de uma poesia de *fala insubmissa* na obra do autor estudado, são trazidos a seguir trechos de seus cordeis. Adotam-se, no caso, as considerações de Roberto Pontes sobre a poesia que se constitui como *insubmissa*, segundo as quais ela “tem por finalidade não apenas a captação e a interpretação da realidade pelo poeta, mas também a intervenção sobre ela através do agir poético e político” (Pontes, 1999, p. 25-26). Dessa forma, entende-se o poeta como um agente transformador dentro de uma determinada realidade social; sua poesia é seu instrumento de luta, uma arma. O próprio autor reconhece que pouco se fala de uma poesia ligada ao social, dando-se mais atenção à poesia pura, ou seja, uma poesia que se propõe a ser arte pela arte, indiferente ao contexto social.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

A mesma poesia de fala insubmissa persiste ao longo das gerações e se apresenta, no contexto nordestino, sob a forma de cordel. Assim, nota-se o tom contestador das injustiças sociais em cordeis de Arievaldo Viana, a exemplo o folheto intitulado “O urubu uma fábula moderna para políticos inescrupulosos”, no qual, em parceria com o também cordelista Pedro Paulo Paulino, denuncia a desonestidade e a corrupção da classe política. Passa-se agora à análise de um trecho do citado cordel:

Urubu, preto retinto,  
Com carcará seu parente  
Só avançam em qualquer ente  
Quando algum está faminto  
Um e outro é mais distinto  
Lá na sua convivência  
Do que qualquer “excelência”  
Do poder constituído  
Que só tem nos iludido  
Nos roubando a consciência.

A lei da sobrevivência  
Move o bruto pagão  
E um político “cristão”  
Só pratica a indecência  
Profanando a inocência  
Do povo pobre e sofrido  
Mas eu não sou iludido  
Porque tenho a poesia  
Santa musa que me guia  
E faz meu verso atrevido.  
(Viana; Paulino, 2002, p. 5)

Partindo dos recursos linguísticos e lexicais é importante apontar que o poeta utiliza a metáfora como recurso para representar a classe política na figura de um urubu e relaciona as ilicitudes praticadas por essa classe com o comportamento predatório da ave de rapina, com o agravante de que esta o faz por necessidades fisiológicas, enquanto aquela comete crimes de forma deliberada. Poder-se-ia, ainda, explorar a polissemia do vocábulo fisiológico, o qual pode referir-se tanto a funções orgânicas, quanto ao fisiologismo político; mas o poeta não o cita explicitamente no

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

cordel, atendo-se a descrever atitudes as quais o político fisiológico pratica. Constatase ainda um tom irônico no poema, explicitado pelo uso de aspas em “excelência” e “cristão”, o que denota a relativização desses títulos atribuídos a autoridades ímprobas e que, portanto, não fazem jus ao tratamento que lhes é dispensado.

Nessa perspectiva, Roberto Pontes, ao descrever os entraves impostos ao poeta, declara que: “Escrever poesia não significa pôr no papel, na folha branca que se nos oferece, natureza transformada, flor de ofício humano, qualquer matéria, qualquer transbordamento” (Pontes, 1999, p. 24). Concernente a essa afirmação, o cordel de Viana demonstra explicitamente ter matéria que vai além de mero transbordamento ou inspiração, termos que, devido ao uso indiscriminado, já carecem de carga semântica.

O poeta deixa claro outra característica própria dos poetas insubmissos, qual seja, a total ciência em relação ao papel contestatório exercido por sua arte, ao se expressar nos seguintes termos: “Mas eu não sou iludido / Porque tenho a poesia / Santa musa que me guia / E faz meu verso atrevido”. Ainda sobre esse aspecto é importante pontuar que a insubmissão do poeta faz dele um ser um ser cismático em relação a uma classe burguesa que “não admite o conúbio da poesia com a realidade, por ser este enlace muito perigoso para os usufrutuários do poder exercido pelas classes dominantes” (Pontes, 1999, p. 35-36).

Além do modo bastante incisivo com o qual o poeta se insurge contra as injustiças sociais, é possível apontar ainda a escolha lexical como indício inequívoco do aspecto residual presente na temática social do cordelista. Se nas cantigas satíricas de maldizer eram empregadas palavras desonrosas contra uma figura ou classe social, na cordelística social de Viana ocorre o mesmo, como se nota no seguinte trecho:

É medonha a injustiça  
No país que a gente mora  
A exploração domina  
E a justiça não vigora,  
Nós vivemos no lugar

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Que o cão perdeu a espora

O ladrão engravatado  
É cheio de regalia  
A vida inteira ele rouba  
E não padece um só dia  
Já o ladrão de galinha  
Padece de enxovia.  
(Viana, 2003, p. 7-8)

Neste trecho do cordel intitulado “Atrás do pobre anda um bicho” verifica-se, em igual medida, a semelhança com a cantiga de Conde. Neste caso, encontra-se inclusive o mesmo verbo utilizado na cantiga sirventês, nesta grafado “filha”, equivalente em galego-português ao atual vocábulo “rouba”, utilizado por Viana no terceiro verso da segunda estrofe apresentada. Arievaldo Viana, com o mesmo destemor, e valentia própria daqueles que se munem da palavra como arma e a transformam em poesia, lança seu canto insubmisso bravamente contra o descaso e as desigualdades sociais vividas diariamente por todo o país.

Finalmente, e regressando ao primeiro cordel analisado, o poeta apresenta seu ideal político revolucionário e utópico. Arievaldo Viana se insurge inclusive contra o sistema capitalista vigente, o qual, segundo Pontes (1999, p. 25), despreza a poesia e a considera “algo inútil, destituído de valor”; o cordelista se posiciona nos seguintes termos:

Acho que o socialismo  
É a única solução  
Pra melhorar a nação  
Combatendo o entreguismo  
E também o vandalismo  
Por isso lutemos  
Com nosso voto podemos  
Livrar o nosso país  
Fazer o povo feliz  
Vitória, pois, alcancemos.  
(...)  
Poucos escapam ao crivo  
Da nossa pena certa

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



Nós não falamos besteira  
O nosso verso é ativo  
Poderoso e combativo  
Pior do que gavião  
Que voa na amplidão  
Com o globo na retina  
Vamos fazer a faxina  
Na política da nação.  
(Viana; Paulino, 2002, p. 6-7)

O poeta assume uma postura claramente política em seu cordel, sendo que sua posição não pode ser entendida como absurda ou diversa em relação ao seu ofício. Assim, considera o sistema socialista a solução para as crises vivenciadas no âmbito político do país e, a um só tempo, reitera que está cômico da força que seus versos possuem enquanto arma de luta social. Esta é, ainda de acordo com Roberto Pontes (1999, p. 63), apenas “um ângulo diverso da concepção de poesia em voga, segundo o qual o poema deve ser agradável, belo, musical, ameno”. Sendo assim, entende-se que a poesia está sempre permeada pelo posicionamento político; e que, inclusive ao evitar a temática, o poeta assume um tipo de posicionamento conservador e despreocupado com a realidade social que o rodeia.

### **Considerações Finais**

Conclui-se, com o exposto, a importância de se estudar a cultura popular por outros vieses que não os já preconcebidos, que a veem apenas como uma produção arcaica e preconceituosa. A partir do estudado, observa-se que o *resíduo* existente nos cordeis sociais de Arievaldo Viana, apesar de possuírem uma *mentalidade* que sobrevive enquanto imaginário residual ligado ao medieval, não são, de modo algum, atrasados e, ao contrário, seu *resíduo* é justamente a insubmissão do poeta. O que remanesce da produção medieval é o uso de sua poesia como arma capaz de intervir, ainda que simbolicamente, na realidade social estabelecida, a arte como meio de engajamento político, sabendo que todo artista assim o faz, ainda que não admita.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Reitera-se ainda que, o presente trabalho não entende haver nesta investigação uma louvação por uma produção mediéfica, que de fato seja obsoleta, mas sim demonstrar o contributo de culturas que se amalgamaram e que na literatura de cordel deixam seu lastro residual. Sendo assim, este *resíduo* apresenta-se de forma adequada às demandas e à realidade social vivenciada na sociedade hodierna, que pouco ou nada tem a ver com o período medieval.

Finalmente, importa destacar a valorização da literatura de cordel, sempre esnobada e ainda hoje considerada pelos preconceituosos uma subliteratura. Consequentemente, atrelado a essa visão, está o preconceito contra os cordelistas, tidos como semianalfabetos e rústicos, o que no presente trabalho demonstrou-se ser incongruente, bastando para isso o já demonstrado sucesso que Arievaldo Viana, autor estudado, teve com seus cordeis em sala de aula e o alto conhecimento e engajamento social presentes em sua obra. Conclui-se, portanto, ser a cordelística de Viana permeada pelo *resíduo* de uma poesia adequada às demandas sociais do contexto social em que está inserida, sendo, portanto, uma poesia de *fala insubmissa*.

## Referências

- ABREU, Vitória Pereira Vasconcelos. *Verbo Encarnado: Resíduos do sirventês medieval na poesia insubmissa de Roberto Pontes*. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
- BARROS, Henrique da Gama; SOARES, Torquato de Sousa. *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*. 2. ed. dir por Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Sá da Costa, 1945.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1978. v.1 ISBN (broch.).

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

CONDE, Gil Peres. Cancioneiro da Biblioteca Nacional, 1531. In: *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1564&pv=sim>. Acesso em: 06 set. 2023.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel; FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Literatura popular em verso: estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1986. 468 p. (Coleção Reconquista do Brasil. 2. Serie). ISBN (broch.).

FERREIRA, M. O. A lírica Grega Arcaica: Arquíloco de Paros estudo do Fr. 19. *Revista Alétheia*, Rio Grande do Norte, v. 1, p. 1-16, Jan/Jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/31>. Acesso em: 02 set. 2023.

HERNÁNDEZ, G. E. *La sátira chicana*. México: Siglo Veintiuno, 1993.

LESSA, Orígenes. Literatura popular em versos. *Anhemi*. São Paulo, v. 21, n. 61, p. 60-87, dez. 1955.

LIMA, Stélio Torquato. Resíduos do teatro vicentino na literatura de cordel. *Revista Decifrar*, Amazonas, v. 7, n. 14, p. 91-110, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/6973>. Acesso em: 02 set. de 2023.

MARTINS, Thaísa Rochelle Pereira; DE ARAÚJO WANDERLEY, Naelza. Cordel, riso e crítica social: contribuições para o ensino de literatura. *Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, v.1, n. 38, nov. 2020 p. 251-278.

MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, José Ribamar (Org.). *Literatura de cordel: antologia*. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. Residualidade e complexidade em Thiago de Mello: a poesia insubmissa dos estatutos do homem. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; CERQUEIRA, Leonildo; NASCIMENTO, Cássia Martins do. (Orgs.)

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

*Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2015. p. 57-71.

OLIVEIRA, Carlos Henrique Peixoto de. A voz insubmissa do sirventês medieval como resíduo na poesia política de Thiago de Mello. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias. (Orgs.). *Residualidade e intemporalidade*. Curitiba: CRV, 2017. p. 45-61.

PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Fortaleza / Rio de Janeiro: EUFC / Oficina do Autor, 1999.

PONTES, Roberto. Pródromos conceituais da Teoria da Residualidade. In: LIMA, Francisco Wellington Rodrigues; PEREIRA, Marcos Paulo Torres; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do; SILVA, Fernanda Maria Diniz da; COSTA, Willian Gonçalves da. (Orgs.). *Matizes de sempre-viva: residualidade, literatura e cultura*. Amapá: UNIFAP, 2020. p. 13-44.

SILVA, Cássia Alves da. A teoria da residualidade e sua sistematização. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias; LEAL, Barros Tito; NASCIMENTO, Mary; CRAVEIRO, William (Orgs.). *Todas as idades são contemporâneas*. Macapá: UNIFAP, 2019. p. 99-119.

TAVANI, Giuseppe. *Trovadores e jograis*: Introdução à poesia medieval galego-portuguesa. Lisboa: Caminho, 2002.

VIANA, Arievaldo. *Atrás do pobre anda um bicho*. Canindé: Editora Queima-Bucha, 2003.

VIANA, Arievaldo; PAULINO, Pedro Paulo. *O urubu uma fábula moderna para políticos inescrupulosos*. Canindé: Edições Livro Técnico, jun. 2002.

WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. In.: *Marxismo e literatura*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 124-129.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.